

Impressões e impactos do livro: a noite da espera – o lugar mais sombrio - livro I¹

Carlos Eduardo Xavier

A Obra de Milton Hatoum, especialmente no livro I “O Lugar mais sombrio”, da trilogia intitulada “A Noite da Espera”, causa forte impressão e impacta o leitor atento de diversas formas e através de muitas nuances.

O personagem central, Martim, se autodescreve nos anos de colégio e universidade, de forma alternada, narrando suas experiências de vida que se entrecruzam com os momentos sombrios da vida nacional, notadamente o início da Ditadura Militar, na década de 1960 do século XX. Cada época e cada cena descrita ou narrada impactam por muitos caminhos e por muitos olhares.

O jovem Martim vive um período da sua vida de autodescoberta. O desafio de cortar, pela segunda vez, o “cordão umbilical” se faz de forma incisiva na separação dos pais. A mãe permanece em São Paulo e ele parte com o pai para Brasília. A necessidade de entender-se e conhecer-se, a expectativa de reencontrar a mãe, ausente fisicamente, e de conviver com o pai, ausente afetiva e psicologicamente, levam o jovem Martim para um momento crucial da sua “individuação”.

Encontrar o masculino e o feminino, *Anima* e *Animus*, em si mesmo, numa atmosfera de dúvidas, incertezas, violência e muitos traumas são o seu grande desafio. E é nesse contexto, nesse tempo agudo da História pessoal e do país, que ele conhece, convive e interage com a “Tribo de Brasília”, amigos, amigas, parceiros de jornada, filhos da classe média-alta da Burocracia Estatal, recém-instalada na nova capital da República e com jovens migrantes oriundos das cidades satélites de Brasília, os filhos dos pioneiros-construtores da nova capital do Brasil.

¹ HATOUM, Milton. **A noite da espera: o lugar mais sombrio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. v. 1

As memórias desse tempo, marcadas pelas indagações, buscas e repressões, são narradas em Paris, anos depois, numa elaboração feita com o distanciamento espaço-temporal necessários para um olhar mais abrangente sobre as experiências vivenciadas nesses momentos avassaladores da história pessoal e da história nacional.

Esta narrativa, porém, feita com o olhar nas décadas de 1960 e 1970 emerge como uma onda poderosa de reflexões necessárias para os tempos atuais da história nacional em que o grande impasse político, a crise de credibilidade nas instituições e o ambiente marcado por certa “desesperança” nos fazem perceber nitidamente que a história não é linear. Segue, antes, um percurso espiral, no qual, para entender e realizar o presente, se faz necessário um mergulho, uma inserção na história pregressa para transformar as SOMBRAS de ontem em LUZ norteadora para um amanhã possível.

O mesmo processo pelo qual passa o jovem Martim - elaborando os aprendizados, as descobertas pessoais, o amadurecimento intelectual, social, psicológico, afetivo-sexual, humano, no convívio com amigos, parceiros, figuras emblemáticas, desafiadoras, homens e mulheres do seu tempo de juventude - passa o país, na sua jovem experiência democrática elaborando os traumas e repressões oriundos da nefasta ditadura civil-militar, do militarismo explícito, do regime de exceção, das barbáries da tortura, do futuro incerto, da busca apaixonada pela verdade, pela justiça e pelo estado de direito.

Este tempo, que num imaginário mais ingênuo, estaria restrito a um passado cronológico, ressurge como sombra terrível a ameaçar as possibilidades do presente e do amanhã.

Os anseios dos jovens estudantes, parceiros de Martim, a busca intensa por liberdade, conhecimento, justiça, compõem um sonho que não fica restrito ao passado, mas emerge num presente real, concreto, histórico dos tempos desafiadores do Brasil de hoje.

Assim, a Noite da Espera de Hatoum não se trata de um livro de memórias de ontem, mas, sobretudo de uma indagação poderosa de como elaborar os sonhos de um país mais justo, humanizado e igualitário nesta longa “noite da espera”. Esta espera acontece não na doce passividade de quem não sabe pra onde ir, mas na proativa esperança de “quem sabe faz a hora e não espera acontecer” (VANDRÉ, 1968).

A ausência da mãe e a dor gerada por esse afastamento de longos anos e a dureza e frieza do pai são uma maquete dos anos duros vividos por Martim e toda sua geração, num período em

que a família estendida chamada Brasil, deixava de ser a “mãe gentil” e o “braço forte” e pesava qual pai autoritário sobre seus filhos.

É curioso que “A Noite da Espera” seja escrita como uma trilogia e que inicie exatamente no “Lugar mais Sombrio”, porque o início de todo processo evolutivo ou busca de individuação, como dizia Carl Gustav Jung (1934), tem o seu arranque justamente numa situação caótica. Esta elaboração trata-se de um movimento de saída (êxodo), de busca, quando não de um exílio.

O jovem Martim passa concretamente por um exílio real da família, dos laços primários, da infância, dos amigos e é lançado numa busca e numa jornada sem destino certo, uma vez que todo processo de busca humana mesmo com suas metas e objetivos bem estabelecidos sempre acontece dentro de um universo de surpresas e de esperas.

Por isso a obra de Milton Hatoum é, como dizia Nietzsche (1977, p. 30), “algo escrito com sangue”, e, por isso mesmo, impacta, impressiona, tira do lugar e do senso comum e leva todos aqueles sedentos de entendimento para um campo reflexivo que desinstala, provoca e gera, no mínimo, novas percepções.

E é nessa abertura, de um novo olhar, de busca de novas possibilidades, que se insere a certeza de que, mesmo na “longa noite da espera”, podemos vislumbrar uma manhã com novos horizontes.

“A Noite da Espera”, de Milton Hatoum, e a nossa são certamente a noite do solstício de inverno, a noite mais longa do ano. Esta noite, porém, traz o grande desafio de elaborar os sonhos da madrugada para que seja o combustível das realizações do amanhecer. É bom lembrar que a hora mais escura da noite é também a que antecede o nascer do sol.

Parafrazeando outro grande mestre que fez e faz a síntese de sua jornada pessoal com a grande jornada desse gigante “deitado eternamente em berço esplêndido” (ESTRADA, 1909), “Amanhã vai ser outro dia... e eu vou morrer de rir que esse dia há de vir antes que você pensa” (HOLANDA, 1970).

O lugar mais sombrio e a noite da espera vão passar.

Referências

- ESTRADA, Joaquim Osório D. **Hino Nacional Brasileiro**. Rio de Janeiro, 1909.
- HOLANDA, Chico B. **Apesar de você**. Rio de Janeiro: Single Phonogram, 1970.
- JUNG, Carl G. **O eu e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1934. VII/2.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Assim falava Zaratustra**. São Paulo: Hemus, 1977.
- VANDRÉ, Geraldo **Para não dizer que não falei das flores**. Brasil: Festival Internacional da Canção, 1968.

Carlos Eduardo Xavier
Uniso | Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação
PPGE-UNISO
Sorocaba | SP | Brasil. Contato: carlos.xavier@prof.uniso.br
ORCID 0000-0002-2385-9526